

MARCADORES LINGÜÍSTICOS DE GÊNERO NOS DISCURSOS DE SITES EDUCACIONAIS

Luciano Paz de Lira^a

RESUMO

Este trabalho visa investigar e refletir sobre os marcadores de gênero presentes em páginas educativas na Internet, tomando como base teórica as contribuições da Análise do Discurso Francesa. Nosso *corpus* será constituído pelos textos de apresentação de três sites: o do Banco Internacional de Objetos Educacionais, o canal no *Youtube* do Ministério da Educação brasileiro e o *Portal do professor*.

PALAVRAS-CHAVE: gêneros masculino e feminino; marcadores linguísticos de gênero; sites educacionais.

Recebido em: 31 out. 2016

Aprovado em: 03 abr. 2017

Introdução

Este trabalho tratará de elementos marcadores de gênero no discurso de sites educacionais. Tendo em vista a grande quantidade destes, foram escolhidos três: o site do Banco Internacional de Objetos Educacionais, o canal no *Youtube* do Ministério da Educação e o *Portal do professor*, todos eles ligados de algum modo ao ensino. O objeto de análise será o texto/discurso de apresentação de cada site.

^a Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Câmpus Jacareí, especializado em Psicopedagogia e mestrando em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté – UNITAU. Membro do Grupo de Pesquisa Multidisciplinar em Gestão, Inclusão Social e Humanidades.

O motivo principal para emprendermos uma reflexão dessa natureza foram as constantes polêmicas envolvendo questões de gênero no âmbito das escolas, especialmente aquelas de nível fundamental. Mais recentemente, é ilustrativo o esforço de setores da sociedade e de políticos para eliminar as discussões de gênero e sexualidade dos planos de educação e referenciais curriculares nos diversos níveis da educação básica. Esses setores têm se aglutinado em torno do movimento denominado Escola Sem Partido, para o qual, entre outras premissas, há um natural desenvolvimento da personalidade do educando, e esta se encontra em harmonia com a respectiva identidade biológica de sexo, devendo ser vedada, portanto, a aplicação dos postulados da ideologia de gênero.

Nosso objetivo é identificar os marcadores linguísticos distintivos de gênero presentes nos sites educacionais, bem como refletir e analisar o funcionamento dos mesmos no contexto em que aparecem. Mais precisamente, pretendemos analisar os textos/discursos de apresentação de cada site e relacioná-los com a discussão mais ampla acerca do tema. Para tanto, além de identificar os marcadores, é necessário indagar sobre seu significado e o que eles representam atualmente no cenário das discussões sobre gênero e sexualidade na educação.

Espera-se que este trabalho possa contribuir para a reflexão sobre a prática docente, carregada de expectativas e contradições, cuja complexidade não pode ser negada. Ser professor ou professora nos dias atuais, mais do que em qualquer tempo, tem sido um desafio, e, a cada momento, surgem novas demandas, novas teorias e exigências com relação a esses/essas profissionais.

Neste estudo, tomamos como fundamentação teórica as contribuições da Análise do Discurso Francesa, sobretudo no que concerne às categorias: formação ideológica, formação discursiva, discurso e posição-sujeito. Para efeito de organização, dividimos este artigo em quatro partes: a primeira trata dos pressupostos teóricos e das categorias fundamentais à nossa reflexão; a segunda consiste na caracterização e identificação dos elementos de análise dos três sites escolhidos; a terceira traz a análise propriamente dita, com base no referencial teórico-metodológico; por fim, são feitas algumas considerações sobre os resultados e as contribuições deste trabalho.

A análise de discurso francesa

Como dito anteriormente, a base teórica para nosso estudo decorre das contribuições da Análise do Discurso (AD), especialmente aquela de origem francesa criada por Michel Pêcheux – embora não o tomemos de maneira exclusiva mas como fundamento principal. Também levamos em conta os acréscimos e as contribuições de pensadores como Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi e Dominique Maingueneau, bem como outros que são tanto coautores como continuadores do pensamento daquele autor.

Um dos pressupostos de Pêcheux, compartilhado por outros, como Bakhtin, é o de que uma palavra ou uma sentença escrita ou falada é muito mais do que uma mera representação gramatical de uma ideia.

[...] o ponto essencial aqui é que não se trata apenas da natureza das palavras empregadas, mas também (e sobretudo) de construções nas quais essas palavras se combinam, na medida em que determinam a significação que tomam essas palavras: como apontávamos no começo, as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam. Podemos agora deixar claro: as palavras “mudam de sentido” ao passar de uma formação discursiva a outra. (PÊCHEUX *et al.*, 2008, p. 5)

Além disso, mesmo reconhecendo as contribuições dos estudos semânticos de sua época, que buscam desenvolver uma teoria geral do sentido, Pêcheux alerta para o fato de que a semântica geral acaba por fazer sumir as especificidades da língua no momento de sua utilização.

Certamente, “semânticas gerais” foram propostas, mas elas não fornecem quase nada de princípios que permitam depreender as particularidades das línguas, ou dos estados de língua, etc, como é o caso da fonologia, da morfologia ou da sintaxe. Existem, por outro lado, descrições semânticas de diversas línguas, mas são descrições que permanecem sem ligação com as teorias. (PÊCHEUX *et al.*, 2008, p. 6)

A proposta da AD, então, é pensar e analisar o sentido dos enunciados sem subestimar tais peculiaridades, considerando o papel constitutivo das condições sócio-históricas na significação (PÊCHEUX et al., 2008, p. 6). Isso implica dizer que a inscrição do “sujeito” no discurso é atravessada pelo contexto da situação de enunciação, isto é, aspectos sociais, históricos, ideológicos que se impõem no momento em que o discurso é produzido, que lhe conferem tanto os ecos do passado quanto as cores do presente e as ressonâncias para o futuro.

O sujeito inscrito no discurso, concebido pela AD, é mais uma situação do que uma entidade como aquela concebida na literatura e na gramática clássicas. Trata-se, acima de tudo, de algo fragmentado e suscetível de se tornar outro/outra totalmente diferente, com o mais simples movimento das e nas regiões de sentido, as ditas Formações Discursivas (FDs), que, por sua vez, representam uma relativa regularidade entre enunciados em razão daquilo que é partilhado por duas ou mais posições-sujeito.

Mas a AD é, ela mesma, histórica, e não está isenta de contradições e paradoxos. O próprio Pêcheux revê e aprimora seus conceitos. Na terceira fase da AD (AD-3), na década de 1980, conceitos como os de condições de produção do discurso e formações imaginárias dão lugar aos de formação discursiva (FD), forma-sujeito e interdiscurso, conforme aponta Voss (2011, p. 16).

Além disso, é necessário atentar para o fato de que, como o próprio Pêcheux (2014, p. 138) reconhece, a articulação conceitual entre ideologia e inconsciente ainda se encontra em seus estágios iniciais e não pode ser mascarada por meio de supostas fórmulas. Esse reconhecimento é importante no contexto desta nossa análise, tendo em vista que toda e qualquer regularidade linguística – observada ou insinuada – será marcada pelo atravessamento do inconsciente do mesmo modo que pelos elementos ideológicos.

Contentar-nos-emos em observar que o caráter comum das estruturas-funcionamentos designadas, respectivamente, como *ideologia e inconsciente* é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de *evidências “subjetivas”*, devendo entender-se esse último adjetivo não como “que afetam o sujeito”, mas “nas quais se constitui o sujeito” (PÊCHEUX, 2014, p. 139).

Não entendemos essa abertura e porosidade histórica da AD como algo negativo, mas como algo que lhe confere riqueza e complexidade teórica. No entanto, ela nos impõe que façamos escolhas e circunscrevamos com maior precisão a perspectiva que adotamos neste trabalho. Por isso, recorreremos às contribuições de Orlandi (2008) e nos apropriamos da sua ideia de Dispositivo Analítico, segundo a qual é necessário definir com clareza o tipo de matéria que irá compor o *corpus* da análise: texto de apresentação dos sites selecionados; a questão (ou questões) norteadora(s) da pesquisa: que marcadores linguísticos de gênero aparecem nesses textos e que relações guardam com o contexto mais geral das questões de gênero?; e quais teorias (campos teóricos) fundamentam a análise: Análise do Discurso Francesa.

Do ponto de vista da AD, convém ressaltar ainda as contribuições de Maingueneau (2004, p. 24-27) quanto à ancoragem na situação de enunciação, enunciado e contexto. Para ele, a maioria dos enunciados possuem marcas que o ancoram diretamente à situação de enunciação, bem como podem se inserir em três tipos de contextos: o ambiente físico da enunciação (contexto situacional); o contexto literário/gramatical; e os saberes anteriores à enunciação.

Assim, intentamos nos aproximar ao máximo do *status* atribuído por Pêcheux à AD, “[...] na medida em que se posiciona entre as disciplinas de interpretação [...]” (PÊCHEUX, 2016, p. 103), levando em conta a questão crucial da constituição do sujeito que enuncia pela fala e pela escrita, de modo a ultrapassar a concepção de um sujeito epistêmico e encontrar um sujeito atravessado e dividido pela ideologia e pelo inconsciente, marcas estas de sua inscrição no campo do simbólico.

A questão do gênero

Considerando a importância que a palavra “gênero” assume no contexto deste trabalho, é oportuno especificar o sentido que pretendemos imprimir a essa categoria. Como dito anteriormente, tem especial relevância para a AD essa mutabilidade de sentido que as palavras assumem, dependendo do contexto em que são empregadas. Assim, o termo pode assumir diferentes sentidos, de acordo com a análise feita e o campo teórico em que ela é desen-

volvida. Neste nosso estudo, tomaremos “gênero” no sentido indicado pela Associação Brasileira de Antropologia:

Ao contrário de “ideologias” ou “doutrinas” sustentadas pela fundamentação de crenças ou fé, o conceito de gênero está baseado em parâmetros científicos de produção de saberes sobre o mundo. Gênero, enquanto um conceito, identifica processos históricos e culturais que classificam e posicionam as pessoas a partir de uma relação sobre o que é entendido como feminino e masculino. (ABA *et al.*, 2015, p. 1)

Portanto, ao utilizarmos a palavra gênero, queremos fazer referência a uma construção histórica, cultural e social, expressa em uma série de marcadores baseados no sexo, que nos identificam como masculino ou feminino. Desse modo, fixamos os limites do conceito muito além de sua referência biológica e corporal, mas também, e sobretudo, nas significações e nos conteúdos simbólicos relacionados com o ser homem e ser mulher que vigoraram e ainda vigoram em nossa sociedade.

Os sites e seus discursos constitutivos

Passaremos a apresentar alguns aspectos característicos dos sites que foram escolhidos como exemplos daqueles ligados à educação. A sequência aqui apresentada não significa nenhuma ordem de importância ou valor; seguiu-se apenas a ordem alfabética do nome dos sites.

1. Banco Internacional de Objetos Educacionais

O texto de apresentação encontra-se na parte superior esquerda, logo abaixo do título e de um conjunto de ícones que remetem as/os usuárias/os a outros domínios do site (vide figura 1). Diz o seguinte (Texto A):

Este Repositório possui objetos educacionais de acesso público, em vários formatos e para todos os níveis de ensino. Acesse os objetos isoladamente ou em coleções. / Nesse momento o

Banco possui 19.842 objetos publicados, 174 sendo avaliados ou aguardando autorização *dos autores* para a publicação e um total de [Desculpe, os dados estão indisponíveis no momento] visitas de [Desculpe, os dados estão indisponíveis no momento] países. (BRASIL/MEC a, 2015, grifo nosso).

Tendo em vista que o nosso objetivo está relacionado mais diretamente ao texto de apresentação, prescindiremos de considerações acerca da estética geral e da funcionalidade do site, para nos concentrarmos na materialidade linguística e nos marcadores de gênero ali presentes.

De um modo geral, a referência mais próxima do sentido antropológico que adotamos que aparece no Texto A é: dos autores. Certamente aparecem outras palavras com função morfossintática masculina, mas estas não se referem diretamente a seres humanos, como é o caso de “repositório”, “objetos”, “banco”, e outras. Fora do texto, no canto superior direito aparece um link denominado “autor”, cujo sentido também remete mais comumente às pessoas.

Figura 1 – Parte superior do site



2. Canal do *Youtube*: Ministério da Educação

A página inicial do canal do Ministério da Educação (MEC) no *Youtube* apresenta um vídeo protagonizado pela campeã olímpica de judô Sarah Menezes, cuja transcrição é a seguinte (Texto B):

Um atleta não chega muito longe sem *um bom treinador*, é ele que me anima quando estou *cansada* e me faz acreditar quando eu

penso em desistir, mas é preciso aproveitar cada minuto do treino, com respeito e atenção, afinal é *ele* que me ensina tudo que eu preciso. Não é à toa que a gente chama *o treinador* de *professor* e na sua escola não é diferente, respeite *seus professores*, são *eles* que irão ajudar a fazer de você um *campeão* na vida. (BRASIL/MEC b, 2015, grifos nossos)

Essa é a transcrição literal do texto do vídeo, mas o canal apresenta, ao lado da janela do mesmo, outra versão de texto (Texto C):

Professores Olímpicos: 12 mil visualizações 1 mês atrás / Escute o recado da *campeã olímpica* de judô, *Sarah Menezes*./ Não é à toa que a gente chama *o treinador* de *professor*./Respeite *os seus professores*. São *eles*que vão te ajudar a ser *um campeão* na vida! (BRASIL/MEC b, 2015, grifos nossos)

Assim, podemos notar que aparecem os seguintes marcadores de gênero na transcrição literal do vídeo: um atleta; um bom treinador; ele; cansada; o treinador; professor; seus professores; eles e campeão. Na versão apresentada pelo canal, aparecem os seguintes marcadores: professores olímpicos; campeã olímpica; Sarah Menezes; treinador; professor; seus professores; eles; um campeão; e, com especial destaque, o título: Professores Olímpicos.

Figura 2. Tela inicial do canal



3. Portal do professor

O texto de apresentação do portal é o seguinte (Texto D):

O Portal, lançado em 2008 em parceria com o Ministério da Ciência e Tecnologia, tem como objetivo apoiar os processos de formação dos *professores brasileiros* e enriquecer a sua prática pedagógica. Este é um espaço público e pode ser acessado por *todos os interessados*. (BRASIL/MEC c, 2015, grifos nossos)

Nesse site, o texto indica os seguintes marcadores: professores brasileiros; todos os interessados. Também no título do site aparece o marcador “professor”.

Figura 3. Parte superior do site *Portal do professor*



O site apresenta, ainda, uma sequência de outros textos que explicam a funcionalidade de alguns domínios do mesmo. Nesses textos, o marcador professor aparece 8 vezes; professores, 6; educador, 1; educadores, 1; profissionais, 1; docente, 1; docentes, 2; interlocutor, 1; colaborador, 1; pessoa, 1; pessoal, 1; pessoas, 1. Não aparece nenhum marcador especificamente feminino.

Análise dos dados

Possenti (2014) defende que, em AD, devemos fazer os textos rangerem e que, com um material aparentemente banal, é possível produzir um excelente trabalho – tudo vai depender da capacidade do pesquisador de ter clareza das restrições que as teorias apresentam por estarem relacionadas a um *corpus* privilegiado (específico). Segundo ele, não é necessário ficar demasiado preso a um *corpus* clássico, pois também as teorias que fundamentam nossas análises são passíveis de serem, elas mesmas, questionadas.

É preciso, contudo, partir de algum lugar. Portanto, mesmo reconhecendo que a seleção de determinados marcadores pode ensejar uma ruptura de contexto (ou contextos) enunciativos, assim procederemos para deixá-los mais evidentes e para fazer ranger aquele *entrecoisas* que não é percebido com facilidade e de imediato na interação com os discursos que nos propomos a analisar.

Deste modo, num primeiro momento, é possível compor o seguintes quadros com os marcadores que selecionamos:

Tabela 1 – Distribuição dos marcadores por texto

	MARCADORES		
	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>	<i>Comum aos dois gêneros</i>
Texto A	1	----	1
Texto B	9	1	----
Texto C	7	2	----
Texto D	3	----	----
Total	20	3	1

Tabela 2 – Distribuição dos marcadores periféricos ao texto

	MARCADORES		
	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>	<i>Comum aos dois gêneros</i>
Texto A	1	----	----
Texto B	7	1	----
Texto C	6	2	----
Texto D	18	----	6
Total	32	3	6

Assim, podemos dizer que, nos textos de apresentação, 83,3% dos marcadores são masculinos; 12,5%, femininos; e 4,1% são comuns aos dois gêneros. Se considerarmos, de acordo com dados do Ministério da Educação, que, em 2010, 81,5% dos profissionais da educação eram mulheres (8 em cada 10), convém perguntar: por que há uma predominância de marcadores masculinos para referir-se a essas profissionais nos discursos aqui apresentados?

Mesmo neste estudo, é possível que tenha predominado o uso de marcadores masculinos, mas não existe nenhuma regra gramatical ou estilística que determine que o texto fica pior se usarmos profissionais da educação no lugar de professor, ou se, em vez de apenas um gênero, utilizarmos na enunciação ambos: professoras e professores. Tomemos como exemplo o seguinte trecho do texto B: “*Um atleta não chega muito longe sem um bom treinador [...]*”. Qual tipo de perda ocorreria se ele fosse escrito da seguinte forma: *Atletas não chegam muito longe sem uma boa treinadora outreinador [...]*?

O que justifica a nossa insistência em manter esse traço dominante dos substantivos masculinos na formulação de enunciados? Não podemos conceber uma resposta que não aponte para algo que remete à tradição e ao hábito, possuindo, portanto, um traço social e politicamente conservador. Quando isso acontece no contexto em que se pretende produzir um efeito pedagógico e de ensino-aprendizagem, essa questão assume um relevo ainda mais especial.

Segundo Krieg-Planque (2006), critérios quantitativos de frequência, que levam em conta a complexidade de outros fatos do discurso, podem testemunhar práticas discursivas recorrentes e evidenciam fórmulas que se relacionam com fatos históricos e sociológicos. Embora não tenhamos delimitado fórmulas específicas (no sentido krieg-planquiano), não deixamos de perceber, a partir da frequência constatada, sinais de modos usuais e formas comuns de enunciação que podem revelar uma hierarquia do masculino sobre o feminino.

Não apenas a frequência, mas também a relativa regularidade do sentido é reveladora. Mesmo admitindo a possibilidade de deslocamento de sentido, própria do tipo de análise que aqui empreendemos (deslocamento este que permite que uma palavra ou enunciado assumam diferentes significações de acordo com a posição-sujeito, o contexto situacional, léxico-gramatical ou semântico), ainda assim constatamos que todos os marcadores contabiliza-

dos estão ligados à designação de profissionais docentes, mesmo no caso dos marcadores “atleta” e “treinador”, que se convertem em metáforas daqueles.

Em sua obra, Pêcheux faz referência à heterogeneidade linguística que conduz a um discurso-outro:

Discurso de um outro, colocado em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito se colocando em cena como um outro [...] – mas também e sobretudo a existência de um “além” interdiscursivo, que vem, aquém de todo autocontrole funcional do “ego-eu”, enunciador estratégico que coloca em cena “sua” sequência. (1997, p. 316-317).

Assumindo o risco de simplificar o pensamento do autor e transpondo o que ele diz para o nosso universo de análise, formulamos que esse “outro” pode ser representado pelo machismo em nossa cultura, cujas raízes se prolongam muito além na história de nosso país.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), apesar dos avanços em direção à maior paridade, as meninas continuam a enfrentar uma nítida discriminação no acesso à escolarização:

Em onze países, sete dos quais situados na África Subsaariana, as meninas têm oportunidades 20% menores que os meninos de ingressar na escola. [...] Em diversos países da Ásia e da região do Pacífico as matrículas de mulheres equivalem a menos de dois terços das matrículas de homens. [...] As mulheres representam quase dois terços dos analfabetos do mundo, percentual esse que permanecerá relativamente estável [...]. (UNESCO, 2003, p. 5-9).

Mesmo que os números refram-se mais diretamente à questão da paridade (a razão entre valores obtidos para meninas e meninos quanto a um determinado indicador, com a paridade equivalendo a 1)², não tem sentido

² Cf. UNESCO (2003), p. 5. O resultado equivale ao Índice de Paridade entre os Gêneros – IGP.

negar a relação intrínseca que eles guardam com a questão da desigualdade e do tratamento diferenciado dedicado às mulheres.

Ainda de acordo com a UNESCO (2003, p. 17), as práticas cotidianas reforçam estas diferenças, na medida em que, por exemplo, na família o poder é compartilhado de modo desigual, associando a mulher ao ambiente doméstico e submetendo-a a princípios patrilineares de herança e descendência. Princípios que se materializam – quando não se insinuem – nos livros didáticos, nos currículos escolares e na formação dos professores e professoras.

As práticas cotidianas em sala de aula reforçam as diferenças entre os gêneros. [...] Estudos realizados em diversos países revelam que os professores tendem a ver as meninas como menos inteligentes e destinadas a empregos de menor remuneração que os meninos. [...] o treinamento de professores raramente enfoca questões de conscientização sobre as questões de gênero, e o sexismo continua muito comum nos livros escolares. (UNESCO, 2003, p. 17).

Desse modo, não é de surpreender que a permanência na enunciação da predileção pelos marcadores da masculinidade, ou mesmo na tentativa de diminuir o valor destas constatações, denuncia algo que, consciente ou inconscientemente, vincula o/a enunciator/a a um contexto mais amplo, carregado ideologicamente e, de maneira alguma, neutro.

Como afirma Pêcheux, todo discurso é também interdiscurso, ou seja, ele ocorre numa rede de significações em que, muitas vezes, diz-se mais do que se pretende ou cujo entendimento do/a interlocutor/a é distinto daquele supostamente pretendido pela enunciatória ou enunciator. De modo que, ao colocar em cena sua sequência enunciativa, o “ego-eu” está em grande parte iludido quanto à autoria e o domínio dos sentidos que contribui para perpetuar.

De acordo com Maingueneau (2004), o discurso, enquanto unidade transfrástica, está submetido a regras determinadas pelo grupo social a que ele corresponde, e constitui uma forma de ação sobre o outro (e não apenas uma representação do mundo). Da mesma forma, indica a assunção de elementos do grupo. Assim, no nível do discurso, a predileção por se utilizar marcadores

masculinos e a estranheza caso o inverso ocorra revela algo que muitas vezes se manifesta no cotidiano de nossa sociedade:

Apesar das mudanças ocorridas no século passado, neste início de século ainda espera-se que a mulher ocupe o espaço do privado, enquanto que ao homem cabe o espaço público (trabalho, política, *happy hour* com amigos nos bares, futebol, etc.) [...] Ainda, na nossa sociedade, são consideradas características femininas: fragilidade, sensibilidade, meiguice, passividade, cooperatividade, meticulosidade, maior preocupação com os problemas familiares e menor preocupação com a promoção profissional. (SÃO PAULO, 2003, p. 17).

Concordamos que a sociedade brasileira ainda mantém, de modo hegemônico, esse referencial na representação do masculino e do feminino. Tal distinção está relacionada a uma hierarquização de papéis em que o homem ainda ocupa um lugar superior ao da mulher e se manifesta fortemente na maioria dos processos de enunciação da Língua Portuguesa. Não parece coincidência ou uma mera naturalidade que, no contexto de referência profissional, predominem os substantivos masculinos sobre os femininos.

Mesmo na transcrição do vídeo de apresentação do MEC (Texto B), em que aparece uma atleta, predominam os marcadores masculinos (sendo enfatizada a importância do “treinador”, que é como “um professor”). Tem relevância também o destaque dado ao título do Texto B, “Professor Olímpico”, cuja associação entre o ser masculino e o esporte está em “perfeita harmonia” com a representação de gênero predominante em nossa cultura.

Considerações finais

Como diante da vida é impossível neutralidade, também no domínio da linguagem e do discurso nós tomamos posições, assumimos valores e concepções que julgamos como adequadas para nossos fins. Mesmo que parte dessa assunção não seja consciente e precise de uma ajuda externa para que se converta em algo racional e refletido, não podemos negar que ela aí está.

É justamente essa inconsciência de nossos discursos que muitas vezes nos leva ao equívoco e à ilusão de uma liberdade plena no ato da enunciação. Isso confirma a validade de trabalhos baseados na AD; eles aumentam nossa consciência de como funcionam a linguagem e o discurso, e, mesmo reconhecendo que não temos um controle absoluto sobre nossos dizeres, podemos ser menos ingênuos e provocar menos danos com nossos erros.

Saliente-se, ainda, que nem tudo é inconsciente; caso contrário, entraríamos numa contradição enorme, pois *assumir* significa também fazer escolhas, e não podemos escolher, no sentido mais próprio da palavra, se não temos consciência do que estamos fazendo. Nossa escolha por trazer à baila a discussão sobre gênero sexual, a partir da análise de enunciados produzidos no contexto de sites que se pretendem educativos, é, em grande parte, decorrente da imposição, nos dias atuais, da discussão dessas questões. Também elas requerem a tomada de posição. Muitos o estão fazendo com plena consciência. Os defensores do movimento “Escola Sem Partido” certamente sabem o que defendem quando alegam que há um modo mais “natural” e “saudável” de se ensinar a ser homem e ser mulher, e que isso não compete à escola, mas aos pais, conforme suas escolhas morais.

Resta saber se a grande massa da população brasileira compreende de fato as implicações desse discurso, se é capaz de relacioná-lo ao contexto mais amplo das discussões sobre gênero e sexualidade sem o apoio de profissionais especialmente preparados para discutir essas questões. Resta ver se essa massa possui os mecanismos necessários para que a discussão não signifique retrocesso ou um “chover no molhado”, em que apenas são reforçados preconceitos e erros seculares. Uma boa forma de se precaver desses riscos é empreender a reflexão a partir de bases acadêmicas consistentes, e a AD pode contribuir muito nesse sentido.

Um discurso nunca é neutro. Por isso, é importante reconhecer as forças, os sentidos ocultos, as relações que o discurso guarda com o contexto mais geral, a ideologia que está por trás de cada argumento. Ao fazê-lo, pomos em evidência o tipo de representação que temos de nós mesmos e da sociedade, tanto a que temos no presente quanto a que desejamos para o futuro.

Neste trabalho, nosso objetivo foi o de analisar a questão circunscrita num lócus específico: sites educativos. E constatamos que, no âmbito dos

discursos analisados, predomina a ocorrência de marcadores masculinos, o que pode sinalizar uma predominância de valor do masculino no cotidiano, pois a língua reflete a vida e a sociedade em que vivemos. Por se tratar de sites educativos, nossa preocupação torna-se ainda maior, pois eles estão ligados à transmissão de valores e à interferência direta ou indireta no desenvolvimento de futuras mulheres e homens.

Confiamos que trabalhos como este, ainda que modestos em sua contribuição, ponham em evidência o que muitas vezes é deixado passar como algo sem importância ou de menor valor. Ao guardar relação com questões de gênero, nosso trabalho insere-se no bojo daqueles que encaram o desafio de criar uma sociedade mais justa e que, portanto, deve ser menos desigual no tratamento dado aos homens e às mulheres.

Referências

ASSOCIAÇÃO Brasileira De Antropologia *et al.* (Brasil). *Manifesto pela igualdade de gênero na educação*: por uma escola democrática, inclusiva e sem censuras. [S.I.: s.n.], 2015.

BRASIL/MEC (a). *Banco Internacional de Objetos Educacionais*: base de dados. Disponível em: <<http://objetoseducacionais2.mec.gov.br>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

_____. (b). *Youtube br* [S.I.]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/ministeriodaeducacao>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

_____. (c). *Portal do professor* [S.I.]. Disponível em: <<Http://portaldoprofessor.mec.gov.br/index.html>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

_____. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei PL 867/2015: Inclui, entre as diretrizes e bases da educação nacional, o Programa Escola sem Partido. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=105066>> Acesso em: 25 jul. 2016.

GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pecheux. 3ª ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

HARNIK, Simone. Brasil: 8 em 10 professores da educação básica são mulheres. In: UOL Educação, mar. 2001. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2011/03/03/brasil-8-em-10-professores-da-educacao-basica-sao-mulheres.htm>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

KRIEG-PLANQUE, Alice. Fórmulas e lugares discursivos: propostas para a análise do discurso político. *Revista Linguagem*, n. 6, mar. 2009. Disponível em: <http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao06/entrevista_akp.php>. Acesso em: 25 jul. 2015. p. 11-40.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul; HAROCHE, Claudine. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso. Trad. Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. *Revista Linguagem*, n. 3, out/nov. 2008. Disponível em: <http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao03/traducao_hph.php>. Acesso em: 25 de jul. 2016. p. 1-19.

_____. Especificidade de uma disciplina de interpretação. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 99-103.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5ª ed. Campinas: Unicamp, 2014.

POSSENTI, Sírio. Entrevista com o professor Sírio Possenti, por Flávia Regina Mello e Luiz Felipe Andrade. *Palimpsesto*, 19: 390-398, out./nov. 2014. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num19/entrevista/entrevista.htm>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria do Governo Municipal. *Gênero e educação: caderno para professores*. São Paulo, 2003.

UNESCO (2003). *Relatório global de EPT 2003/4: Gênero e educação para todos: um salto rumo à igualdade (relatório conciso)*. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001324/132480por.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

VOSS, Jefferson. A Propósito das noções de fórmula e de percurso para a Análise de Discurso. *Revista ProLíngua*. [s.n.], v. 6, n. 1, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/13546>>. Acesso em: 26 jul. 2016. p. 15-25.

LINGUISTIC GENDER MARKERS IN EDUCATIONAL SITE'S SPEECHES

ABSTRACT

This paper aims to investigate and reflect on gender markers present in educational pages on the internet, taking as theoretical basis the contributions of French Discourse Analysis. Our *corpus* will consist of the presentation texts of three websites: Banco Internacional de Objetos Educacionais site, Youtube channel of the Brazilian Ministry of Education and *Portal do professor*.

KEYWORDS: Gender male and female; linguistic markers of gender; educational sites.